



Gusmão

Maio de 2020

A proteína da subjetividade

Por Veridiana Domingos

“Caramba, descobri o quanto eu produzo de lixo!”

“Nossa, nunca imaginei que a professora demorasse 20 minutos para que as crianças engatassem na aula”

“Não aguento mais ouvir a voz do meu marido, como ela é chata”

“Estou valorizando o trabalho da minha empregada agora”

Essas são frases que tenho ouvido/lido com constância. Elas revelam coisas sobre nossas vidas. O quanto estamos conectados com o mundo externo através das telas de nossos celulares e desconectados com nossa realidade imediata?

O quanto essas múltiplas conexões externas (e talvez fictícias) surrupiaram nós de nós mesmos? Conheceria eu a meu companheiro/a? Ou teríamos uma convivência conveniente aos finais de semanas repleto de eventos sociais e temas amenos? Conheceria eu a eu filho/a? O ele/a pensa e como se relaciona com os outros? Ou ele/a estaria sendo terceirizado a outras instituições (a escola, o clube) ou a pessoas (uma babá, uma empregada, uma avó)?

Saber o quanto você produz de lixo durante um dia todo é uma consequência simples de passar um dia inteiro consigo mesmo. Sem terceirizações. Sentir-se entediado no sofá sem saber o que fazer é a consequência de você não estar trânsito por horas entretido com seu Instagram.

O quanto isso tem sido revelador e, por que não, dolorido? Será que gostamos do que encontramos nessa quarentena ao tirar o véu de nós mesmos, do nosso lar e dos nossos?

Não sejamos ingênuos ao tentar encontrar algo de “bom” nessa pandemia a partir de um otimismo cego. Ela matou muita gente. Foi devastadora de uma maneira impensada para os moldes da vida moderna em que supomos conhecer as técnicas para dominar a natureza — supomos apenas, pois nossa racionalidade, como já avisou Theodor Adorno, é apenas instrumental. Mas, claro, essa quarentena está trazendo consequências subjetivas importantes para

todos nós. De descobrimento de coisas que parecem tolas do dia a dia, mas que são verdadeiramente essenciais para entendermos quem somos e quem está a nossa volta é. Um confinamento nunca deixa de ser um mergulho em si. Não é este o princípio dos retiros espirituais? Colocar o mundo no mudo para ouvir a si próprio? É claro que não colocamos o mundo no mudo. Continuamos a nos alienar nas nossas telas quando o entorno imeditado nos parece insuportável. Mas, de qualquer forma, se o mundo não está no mudo, ele, pelo menos, está de volume baixo, com a programação intermitente. Isso nos forçou a lidar com o próprio lixo, com a nossa própria bagunça, com o nosso/a próprio companheiro/a, com o próprio filho/a, com o nosso próprio ócio, com o nosso próprio vizinho.

Há interpretações e interpretações deste momento. Ouvi muita gente comemorando o “renascer da natureza” em meio ao caos, o “surgimento de novas ideias e projetos” em meio ao ócio, a “presença peatonal dos transeuntes” em meio às ruas vazias de automóveis. Somado a isso, o “andrá tutto bene” que a Itália espalhou para o mundo se tornou o mote ao qual todos se apegam em meio aos caos. É claro que é mais fácil olhar para essa frase do que olhar para corpos ao chão ao nosso redor. Isso não é só um mecanismo psicológico, mas mais do que isso, é uma prática ocidental contemporânea que tem um compromisso com o “otimismo cego”. Para a maioria das pessoas, os cenários dos piores casos são invisíveis porque aprendemos lições culturais que edificam o otimismo e isso é resultado de práticas culturais de longa data. Nublamos o pior, mantendo esses casos sombreados por uma enxurrada de imagens dos melhores casos. Nós reformulamos e redefinimos o pior para que pareça melhor do que é. Afinal, fazemos dos limões uma limonada. Não é isso que diz o ditador?

Quando as lições culturais nos orientam a enfatizar o positivo, elas priorizam o armazenamento de imagens do lado ensolarado na memória individual e coletiva.

Mas, não nos esqueçamos do que isso realmente está sendo para o mundo coletivo e para nosso micro mundo mental. Que se assustar ao conhecer seu próprio companheiro, filho ou até mesmo lixo não sejam limões rapidamente espremidos e misturados ao açúcar. Chupe cada um deles, sentindo como são azedos. Faça devagar, para que fique o gosto azedo e não o doce na memória. Para que isso perdure e você se lembre de chupá-los novamente e de vez em quando quando o mundo voltar a rodar. De fato, estamos diante de um momento único. Aprecie isso friamente. Não sabemos quando o mundo se colocará em suspenso novamente. Provavelmente nunca mais em nossas existências. Tenho falado e encarado esse momento como um fato histórico que será tão relevante no futuro que me faz lisonjeada de testemunhá-lo, mesmo que ele seja terrível e triste. Claro, para mim que cresci na mamata, sem guerra, inflações ou ditadura, viver em tempos de corona vírus é muito mais que emocionante e talvez seja um dos fatos históricos mais importantes que testemunharei em minha vida.

Se isso transformará o mundo, de fato, acho pouco provável. A um sinal de flexibilização do governo, as pessoas reatarão suas vidas e a engrenagem voltará a funcionar. E ela roda, sem dó, tratorando nossos cotidianos, escoando o tempo, jogando um véu sobre o nós. Guardem seus limões para o futuro. Eles serão sinais de um lapso de mergulho em si que uma proteína envolta em uma camada de lipídio te concedeu.